

## **Tempos livres, livres de quê?**

**por João Bernardo**

Até uma data bastante recente os lazeres eram exteriores ao capitalismo. Mesmo a filantropia patronal, o mais concentracionário dos antigos sistemas de gestão de empresa, não teve a pretensão de assimilar plenamente os ócios dos trabalhadores. Quem passeie por certas zonas de Lisboa encontra ainda traços de bairros construídos para os operários de uma empresa, geralmente formados por modestas casas dispostas em duas linhas paralelas, unidas numa das extremidades por duas ou três casas de melhor aparência, destinadas ao escasso pessoal administrativo, os homens de confiança do patrão. Os habitantes destes pequenos bairros eram regidos por normas rigorosas, destinadas nomeadamente a impedir o alcoolismo e o espancamento das esposas, mas se ficavam vedados estes dois célebres passatempos masculinos, de resto, no que dizia respeito à parte económica dos ócios, o consumo efectuado durante as horas de lazer decorria exteriormente ao quadro do capitalismo.

Será a nostalgia dessa época que leva tanta gente pouco versada em arte a gostar de certos quadros impressionistas? Aquelas telas fixaram para sempre os gestos e os ambientes fugidios de domingos passados tranquilamente nos arredores de Paris, em garridas esplanadas ou a remar, e o que hoje pode surpreender quem olhe a pintura como um testemunho e não como um acto estético é o facto de esses veraneantes de fim-de-semana estarem placidamente a consumir não em grandes empresas capitalistas mas em pequenos comércio de âmbito familiar. É certo que na França os traços de arcaísmo e o peso da economia rural perduraram além do que se poderia imaginar, mas mesmo na Grã-Bretanha, o mais industrializado dos países europeus, só num artigo de Janeiro de 1946 uma inteligência tão perceptiva como a de George Orwell pôde detectar nos primeiros projectos de centros comerciais os efeitos previsíveis da transformação dos ócios, quando eles começassem a processar-se em termos económicos estritamente capitalistas.

Quem quiser seguir a génese da integração dos ócios no capitalismo é para os Estados Unidos que deve olhar. Comparemos dois escritores que tanto se interessaram por Nova Iorque, a mais capitalista das cidades capitalistas, e então a mais moderna das cidades

modernas. Nos contos de O. Henry os personagens estão localizados na linha de transição entre uma época em que os tempos livres eram realmente livres e outra em que existia já uma indústria de produção dos lazeres, e não forcerei demasiado a interpretação se disser que desta ambiguidade resulta o misto de idealismo e de cinismo das figuras imaginadas por O. Henry. Vejamos agora Dorothy Parker, cujos contos tanto se poderiam assemelhar aos de O. Henry nos tipos sociais e nas situações – mas que diferença no carácter dos personagens! Para eles já não existe saída, tanto as horas de trabalho como as horas de lazer são passadas no interior do capitalismo.

Enquanto os tempos livres decorreram fora do capitalismo foi impossível conceber um modelo económico integrado que explicasse a produção dos trabalhadores. Durante uma das minhas releituras de *O Capital* fiquei perplexo com o facto de ao longo desses milhares de páginas os trabalhadores surgirem sempre como produtores e nunca como produto. Eles apresentam-se já formados; e o processo da sua formação mantém-se, para Marx, exterior à análise crítica do capitalismo. Num artigo publicado em 1985 expus pela primeira vez um modelo económico em que os trabalhadores são produtores de trabalhadores, aparecendo portanto o proletariado, enquanto classe, simultaneamente como produtor e como produto. Desenvolvi depois este modelo noutros artigos e em livros, e aperfeiçoei-o ou pelo menos julgo que o fiz. Nesta perspectiva comecei a abordar o sistema escolar. Concebo os professores como trabalhadores produtivos, portanto, em termos marxistas, produtores de mais-valia, sendo esta mais-valia incorporada num produto chamado alunos. O facto de este produto se destinar por seu turno a ser produtor levanta vários problemas teóricos, que me obrigaram a reformular os ciclos da mais-valia de maneira a assegurar a coerência do modelo. Mas não é isto que interessa neste momento nem neste jornal.

O que me importa aqui salientar é que, se pude integrar num modelo único o trabalhador como produtor e o trabalhador como produto, isto deveu-se ao facto de os lazeres terem passado a incluir-se plenamente no capitalismo, ao mesmo título que o processo de produção. Este modelo não só é possível teoricamente mas corresponde também à percepção empírica imediata. Os ócios tornaram-se um dos produtos do processo geral de produção.

O consumo efectuado fora das horas de trabalho deixou de ser satisfeito por pequenas unidades económicas de âmbito familiar, tendo-se passado a consumir objectos e serviços produzidos em massa e adquiridos em grandes centros de venda capitalistas. Na sua forma corriqueira o problema é reduzido aos lazeres enquanto mercado, e significa isto mesmo a expressão «sociedade de consumo», tão divulgada que já entrou na longa lista das banalidades. Mas o importante é que o próprio acto do consumo mudou de características e,

pelo ritmo que agora lhe é imprimido, converteu-se num dos elos da cadeia produtiva. Vejam-se os restaurantes de *fast food*, onde não só quem compõe a comida ao balcão mas igualmente os que a ingerem estão sujeitos à mesma pressão para economizar tempo. A *food* ali é *fast* para todos. Nas excursões este processo é levado mais longe ainda. A organização das viagens obedece exactamente aos mesmos princípios que norteiam qualquer cadeia produtiva, e os turistas são tratados como objectos, no mesmo plano das malas e dos monumentos. A alteração decisiva introduzida pelo consumo de massas diz respeito menos aos bens consumidos do que aos próprios consumidores, que ficaram numa situação comparável à do porco na fábrica de salsichas.

Nas economias mais evoluídas, todas as excepções a esta regra só podem dever-se a uma atitude consciente e deliberada por parte dos consumidores. Voltemos ao exemplo dos restaurantes. Não existe hoje nenhum motivo económico para que a totalidade dos restaurantes frequentados pelos trabalhadores – excluindo os estabelecimentos de luxo destinados aos capitalistas – não obedeça ao modelo do *fast food*. Um pequeno restaurante doméstico só pode sustentar a concorrência das cadeias de *fast food* porque as horas de trabalho do proprietário e da sua família não são contabilizadas como custo. Em termos estritamente económicos é uma situação anómala, e ela apenas se justifica porque um número muito considerável de pessoas quer manter, fora das horas de trabalho, um tipo de comportamento que é incompatível com o ritmo acelerado dos *fast food*. Não é habitual remeter atitudes deste género para o domínio das lutas sociais e da consciência social, mas na minha opinião elas resultam de um esforço persistente e sempre renovado para impedir que o capitalismo preencha todos os espaços da sociedade.

Mas o que podem essas ilhas de pré-capitalismo representar no mundo actual senão um cenário em que o consumidor se rodeie de ilusões? Os capitalistas não tardaram em adquirir esses cenários e passaram a produzi-los em massa. É notória a expansão de cadeias transnacionais de cafés ou de *crêperies* ou de quaisquer outros lugares do género, onde a administração da empresa e a gestão do pessoal obedecem estritamente aos critérios do *fast food*, mas onde o ambiente e o ritmo permitido aos clientes imita o dos antigos estabelecimentos de carácter familiar. E assim o capitalismo integra por um lado e pelo outro a produção dos bens consumidos durante os ócios.

«Diz-me o que comes e dir-te-ei quem és». Pelas suas pretensões a imiscuir-se na vida privada, o autor desta frase só podia ter sido um nutricionista, mas ela não deixa de ser em boa parte verdadeira. Produzir trabalhadores passa pela produção dos alimentos que eles vão ingerir e pela produção do meio e do ritmo em que o farão. Mas «não só de pão vive o

homem», e não deixa de ser também exacta esta afirmação atribuída a um personagem que só quando multiplicava os pães é que não se apresentava como inimigo da alimentação. Numa situação em que não só os restaurantes como as creches, as escolas e os recintos de diversões funcionam segundo princípios estritamente capitalistas, são estes os locais onde se asseguram os múltiplos aspectos da produção dos trabalhadores.

A questão é vasta porque os lazeres não correspondem apenas a um processo de produção física da força de trabalho. É durante os ócios, tal como são proporcionados hoje, que os trabalhadores se adestram e adquirem um sem número de qualificações imprescindíveis à vida contemporânea.

Vale a pena proceder a um certo recuo histórico. O taylorismo, tal como foi originariamente concebido, com a sua obsessão de anular quaisquer gestos espontâneos dos trabalhadores, só se explica numa sociedade como a norte-americana no final do século XIX e no começo do século XX, quando a indústria crescia a um ritmo acelerado graças a uma mão-de-obra de milhões de imigrantes que passavam sem transição das regiões arcaicas e rurais da Europa para as cidades mais industrializadas do mundo de então. O mesmo processo ocorreu algumas décadas depois na União Soviética, durante a implementação dos primeiros planos quinquenais, mas numa escala ainda maior do que nos Estados Unidos e numa velocidade ainda mais precipitada. O taylorismo e a sua consequência, o fordismo, atingiram na URSS proporções que nunca chegaram a alcançar no seu país de origem. Em poucas palavras, as massas de trabalhadores vindas directamente dos campos não tinham tido tempo para se habituar desde a infância aos ritmos urbanos, por isso era necessário que aprendessem rapidamente esses ritmos dentro das fábricas, e só um enorme autoritarismo patronal e um controlo estrito dos gestos de trabalho poderiam operar um tal milagre. Neste sentido existe um diálogo esclarecedor entre o prisioneiro e o seu segundo interrogador no *Darkness at Noon* de Arthur Koestler, traduzido em português, por uma razão que ignoro, com o título *O Zero e o Infinito*.

Mas aos filhos e aos netos de toda aquela gente, nascidos e criados nas ruas das grandes cidades, foi já desnecessário instruí-los dos gestos modernos, porque estes se haviam tornado intuitivos. O taylorismo teve então de alterar parcialmente o seu programa. Em suma, aquilo que antes o engenheiro de produção impusera a campónios rebarbativos transformados à pressa em operários passara a ser naturalmente ensinado pelo ortogonalismo dos prédios e das ruas e pelas velocidades sincopadas dos automóveis. Fora das horas de trabalho, sem esforço aparente e sobretudo sem custos para os patrões, os trabalhadores haviam aprendido muitíssimo bem aquilo que antes aprendiam mal e com dificuldade durante as horas de

trabalho. Esta função dos lazeres enquanto agente da formação mental da força de trabalho tornou-se ainda mais importante na época actual.

A difusão da maquinaria electrónica, não só os computadores mas igualmente a conexão entre máquinas e computadores, veio trazer novas necessidades. Quando predominava a componente física do trabalho os inconvenientes da exaustão dos trabalhadores eram diminutos para os patrões. Se um indivíduo, ao fim de dez, doze, catorze horas de carregar caixas às costas diminuir o ritmo do seu labor de formiga, apesar disso os volumes continuarão a ser transportados. E mesmo que ele caia de cansaço, o que perde o capitalista? Quando muito pode-se partir o conteúdo da caixa, mas o das outras está incólume, já empilhadas em lugar seguro. O problema é muito diferente quando se opera com instrumentos electrónicos ou com máquinas electrónicas. Neste caso predomina a componente intelectual do trabalho, e a exaustão não leva as pessoas apenas a trabalharem menos, mas a trabalharem de maneira errada. No pior dos casos, um erro pode anular, total ou parcialmente, o trabalho já anteriormente realizado. Os meios electrónicos requerem, por isso, períodos maiores de lazer.

A electrónica requer igualmente mais tempo para a formação da força de trabalho. Fala-se muito de desemprego nos nossos dias, mas quando se examinam as estatísticas com certo detalhe verifica-se que nos ramos onde os meios de produção são mais sofisticados, em vez de a oferta de trabalho ser superior à procura é o contrário que sucede. Aparentemente, apesar da insistência no aumento da quantidade de trabalhadores qualificados, eles são ainda insuficientes. Além disso, a rapidez com que os meios electrónicos se modificam e com que surgem novas técnicas faz com que seja necessário não só qualificar mais força de trabalho mas requalificá-la a um ritmo acelerado.

A conjugação destas duas necessidades, de evitar a exaustão e de aumentar a qualificação, levou a que os lazeres adquirissem ainda mais importância nas sociedades onde predominam os meios de produção electrónicos. Ora, a partir do momento em que os computadores, além de meios de trabalho, se converteram também em meios de diversão e em que os entretenimentos são igualmente electrónicos, as pessoas, enquanto repousam, treinam-se precisamente naquelas operações que são necessárias para o seu trabalho. Poderia haver uma solução mais simples para o problema?

No mundo contemporâneo os lazeres não são apenas uma oportunidade de consumo, e portanto de produção física da força de trabalho. São ainda uma oportunidade de adestramento nos meios electrónicos, e portanto de produção mental da força de trabalho. A qualificação dos trabalhadores já não se realiza unicamente nas escolas e nos cursos de

formação profissional, e sem os ócios electrónicos esta qualificação não poderia prosseguir até ao ponto desejado. Estão completos e perfeitos os ciclos da passagem do trabalhador da situação de produto à situação de produtor e reciprocamente. O quadro da produção de mais-valia ampliou-se até incluir e explicar os mínimos gestos da vida social. Certifica-se assim o carácter totalitário do capitalismo, que exerce os seus efeitos num plano muito mais profundo do que o dos regimes políticos. O capitalismo é totalitário porque se expande de uma maneira tal que confere a tudo uma conotação directamente económica, o que não sucedera com os modos de produção anteriores.

Mas pode acontecer ainda que os lazes não sejam apenas um dos agentes imprescindíveis para a formação mental dos trabalhadores e passem a ocupar toda a cena, convertendo-se no único agente de qualificação.

A nova importância adquirida pelos tempos de ócio tornou obsoleta a totalidade das teorias pedagógicas, e eu lamento sinceramente escrever uma coisa destas neste jornal, pois desconfio que entre os leitores se deva contar uma percentagem razoável de professoras e de professores. É triste, mas é assim. A pedagogia tem como alvo exclusivo as salas de aula, e tudo o que sucede fora das salas é do âmbito da disciplina, tal como no século XIX as greves e as movimentações sociais eram consideradas casos de polícia. No entanto, enquanto lugares de sociabilização obrigatória e forçada dos jovens, o significativo nas escolas não são as salas, mas os corredores. Os pedagogos só pensam nas salas de aula, os alunos só pensam nos corredores. É nos corredores que os jovens vivem a melhor parte das suas vidas, é aí que tecem as suas relações, as reforçam e ampliam. Sob este ponto de vista os corredores não pertencem à mesma esfera das salas de aula mas, pelo contrário, integram-se na esfera dos lazes.

Esta dicotomia explica o analfabetismo funcional e explica também a inoperância das técnicas pedagógicas com que se tem pretendido combatê-lo. Talvez se deva chamar analfabeto funcional à pessoa que ignore o que é o analfabetismo funcional, mas de qualquer maneira eu vou aqui dizer sucintamente que é assim classificado todo aquele que, embora conhecedor do abecedário e capaz de juntar as letras, se mostre incapaz de compreender uma curta frase de sentido corrente ou de escrever duas ou três linhas relatando uma situação banal. Tem-se verificado nas sociedades mais evoluídas que uma percentagem muito elevada de jovens, cerca de vinte por cento segundo certos critérios, deve ser classificada como analfabeta funcional. Como é possível que tantos milhares de alunos sem qualquer deficiência mental resistam a uma dezena de anos de ensino sem saberem ler e escrever eficazmente? Usei a palavra “resistam” porque é disto mesmo que se trata. Uma postura passiva e

indiferente na sala de aula explica que um jovem não se converta num pequeno sábio, mas não evita que ele aprenda alguma coisa. Para não aprender coisa nenhuma torna-se necessário o oposto à indiferença, uma atitude deliberada e resoluta. E esta não pode ser mantida durante uma dezena de anos de uma maneira meramente individual. Este tipo de resistência à aprendizagem não é pessoal mas colectivo. É nos corredores que os jovens criam e reforçam as redes de relações que lhes permitem, dentro das salas, resistir ao ensino.

São inteiramente racionais quando o fazem, pelo menos consoante os critérios de racionalidade que os teóricos do capitalismo atribuem aos agentes económicos. Talvez não seja uma mera coincidência o facto de os especialistas considerarem que as sociedades mais evoluídas são capazes de suportar até vinte por cento de pessoas vivendo em situação oficial de desemprego de longa duração, o que significa dedicando-se a trabalhos precários na economia paralela. Dá que pensar que para esta questão se encontre a mesma percentagem verificada para o analfabetismo funcional. Descrentes de que as oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho correspondam, em média, ao nível de qualificações fornecido nas salas de aula, os jovens analfabetos funcionais dedicam os dez anos de instrução obrigatória e gratuita a aprender outras coisas.

É nos lazers, e exclusivamente nos lazers, que eles adquirem as qualificações necessárias ao tipo de vida que pretendem levar e ao género de trabalho que pretendem executar. Contrariamente aos analfabetos de outrora, gente do campo que se sentia perdida e desenraizada na cidade e que olhava apavorada e humilde para a confusão que a rodeava, os analfabetos funcionais dominam as ruas e os demais espaços públicos com toda a segurança de quem sempre viveu neles e os conhece intimamente. É aí, nos centros comerciais e nas lojas de *videogames*, que eles adquirem os novos ritmos, os reflexos rápidos, a capacidade de pensar de maneira sincopada e consoante uma lógica de justaposições. Aprendem a não ser reflexivos e a não ter sequência nos pensamentos, a ser mutáveis e velozes. E é exactamente isto que lhes é requerido.

Bem sei que está fora de moda colocar conclusões no final dos textos. Seguindo a mesma lógica dos analfabetos funcionais, os autores pós-modernos são fragmentários e avessos a pretensões definitivas. Mas vou concluir. Um modelo global de mais-valia, que inclua nos ciclos produtivos tanto o horário oficial de trabalho como a vida fora das empresas, não detecta dentro do sistema capitalista qualquer espaço livre que não resulte de uma luta contra a globalidade desse sistema. O que significa que só são livres os tempos de luta, que por sinal são muitíssimo atarefados.